

ALGUMAS NOTAS SOBRE O HOMEM QUE NÃO DORMIA

VAMPIRO

Alan de Freitas Passos

**Faculdade de Filosofia
e Ciências Humanas
CURSO DE FILOSOFIA**

Não que eu pretenda algum dia escrever-lhe a biografia. Algumas vezes não saberia distinguir o essencial de informações muito detalhadas, outras os dados seriam por demais obscuros, já que sua vida foi muito complexa e atribulada, em outros momentos demasiado calma e monótona. Não, não se trata de uma biografia. Apenas algumas notas esparsas de um tempo em que eu navegava sedento de um porto, de um além, de um Outro. Queria (fosse possível!) conhecer as rotas de expedições já percorridas, anotar os perigos, saber dos atalhos e das certezas do que para mim era apenas talvez: os possíveis tesouros encontrados. Eu já não procurava nos livros, lia-os então apenas por vício. Desejava o que estivesse sendo escrito naquele momento e lugar onde eu vivia, queria apanhar as letras no caminho entre o cérebro e a ponta do lápis. Está à procura de você mesmo, comentaria alguém. E eu ouviria com paciência, pois era necessário ouvir muito. Por isso frequentava o Lupus, um bar que é como são todos os bares, exceto por ser o lugar onde numa noite fria de junho conheci o homem que não dormia. E suas pegadas estão marcadas a ferro e fogo na memória, fáceis de seguir, toscas porém profundas. Difícil foi perfurar seu arnês, garimpar o segredo que surgiria depois de muitas conversas molhadas a bitter (nossa transfusão de sangue amargo, era o que dizia). E

muito mais ele me disse: deixara de dormir quando descobriu que ia morrer um dia. Eu sei, todos sabem que morrerão, retruquei espantado tanto com o inusitado de seu hábito quanto pela justificativa. «Sim, todos sabem. Mas eu tenho certeza». E não queria pagar em prestações. Recusava-se.

Aparecia então falando de estrelas desconhecidas pelos astrônomos e astrólogos, supernovas inexistentes nos delírios dos mais visionários escritores de ficção científica. Afirmava-se suserano de constelações, senhor absoluto de Alfa e Beta de Centauri, astros de magnífica luz, cujo verdadeiro tom só ele conhecia.

Contou-me de plenilúnios como só conhecem os insones sempiternos, e asseverou que mesmo nas águas do Arruda são belos seus reflexos; fazem lembrar certas vigílias empoeiradas do Eufrates, pinturas impressionistas do Sena e crimes passionais à beira do Tâmsa. Não acreditei. Precisou jurar, o que fez a contragosto.

Tentei convencê-lo a trabalhar. Embora eu nunca soubesse de onde lhe vinha o dinheiro, o certo é que se vestia com simplicidade mas não andava aos andrajos; às vezes fumava, outras não, e sempre havia quem lhe pagasse a bebida para esquentar este mágico caldeirão em que se cozinham as conservas. Acabei por persuadi-lo a aceitar um emprego de guarda noturno que lhe obtive, acreditando ser ocupação condizente com sua insólita vigília. E logo já me vinha a notícia: abandonara o emprego, alegou fastio, preguiça de tomar conta do que não era seu (nem de ninguém, acrescia). Amigos de amigos conseguiram-me vaga em um estabelecimento bancário na Praça Sete. Coloquei-o no serviço, e tudo foi bem até a tarde em que, depois do almoço, deixou-se ficar no cine Brasil assistindo a uma daquelas sessões de meio-dia, não sei se «Contatos Imediatos do Terceiro Grau», ou se um filme pornográfico. O fato é que não esperou o gerente do banco despedi-lo quando, às quatro da tarde, saiu do cinema e se dirigiu à sua mesa na seção de cobrança simples. Ali mesmo bateu sua carta de demissão e partiu, deixando-a na máquina de escrever. Nem se deu ao trabalho de levá-la ao gerente. Não quis saber de aviso prévio nem de Fundo de Garantia por Tempo

de Serviço. Parece que explicou seu pedido de dispensa por uma insopitável vontade de tomar cafezinho no Pérola.

Quanto às mulheres, era muito reticente. Nem sei dizer até onde ia a realidade e a fantasia, quando se tratava deste assunto. Sonhou muitas, teve algumas. Amava sempre com desespero ou apenas fingia? Nem isto posso afirmar. Mas no fundo era aquela esperança de redenção, de afinal encontrar a-da-estrela-na-testa, a-que-faz-o-sininho-bater, a outra-metade-da-laranja, a que-não-dorme. Tinha paixões só concebíveis em conchaves de nigromantes, quando campeiam livres incubos e súcubos. Em certos casos foi verdadeiramente correspondido, mas todas acabavam adormecendo: no fusquinha azul que cortava auroras e montanhas, nas sessões dos cineclubes, soltando papagaios em manhãs de feriado. Uma delas caiu no sono sentada no banco mais privado daquele mirante mais alto da avenida, logo depois de ter visto o morno sol de inverno espalhar mariposas de jovens asas brilhantes entre os eucaliptos, como faz o vento que sopra a serralha. Dormiu antes de poder ver que elas cobriam a cidade como chuva, ou neve. Em mesas de bar deixou várias dorminhocas (sorria meio triste). Quase agrediu uma que lhe aconselhou pílulas para dormir, mas controlou-se. Enfrentou ciúmes daquelas que ao acordarem exigiam saber por onde andara, com quem, fazendo o que. E tudo isto ainda com aquele rosto de travesseiro amassado! Mas ele era muito paciente.

A-que-não-dorme... Na época em que lia dicionários e outros livros de poesia, dedicou-lhe versos (andava então apaixonado pelas palavras):

«Pulcra pastora de prístinos avantesmas

Alígero ser noturnal, de natais e quaresmas»...

Eu procurava não desencorajá-lo. Era um entusiasmo passageiro e inofensivo, que afinal o alegrava: gostava de palavras, devorava romances, divertia-se em fazer metáforas.

Depois abandonava os livros e entregava-se a tarefas estranhas como cavar um poço até chegar à água, ver nele o reflexo do rosto, para em seguida fechá-lo com pedras, e na madrugada seguinte abri-lo mais uma vez, até que se cansava.

Sísifo? Narciso? O homem que não dormia já não desejava a resposta.

Voltava de repente às palavras. Distraía-se em esculpir com elas a sua amada, como se fora artista plástico, senhor de formas, pedras-sabão, espátulas, pincéis, cavaletes, azuis da Prússia. Pois que tal mulher devia existir, perdida por aí. Ou ele já a encontrara e zombava de mim? Só posso relatar: haveria de ser uma flava criatura de cabelos como trigais de Van Gogh, olhos de água de piscina, dentes como teclas de piano, hálito de especiarias das Índias. Sua voz seria de sussurrar segredos ou antecipar uma boa nova, ao chorar teria lágrimas de azougue. Não, nada disso. Clássica demais. Além de tudo deveria estar sonolenta de tédio (quiça orgulho), à força de se haver com o assédio dos homens. Quem sabe então uma pouco vistosa, discreta como um diamante de doze pontos. Esta seria assim: cabelos castanhos finos, bem lisos, escorridos, «lambidos» como gostava de dizer; um certo ar de amargura, mãos finas e um sorriso de sofimento superado. Teria um jeito assim de menina precoce, e uma profunda capacidade para compreender palavras e reparar silêncios. Usaria óculos pequenos, com delicados aros de ouro, apreciaria música clássica. Saberá receitas complicadas que combinassem com vinho branco, gostaria muito de viajar e pouco de dormir... «Não sei se devo salpicá-la de sardas», ele sorria. Ou então morena, forte, incisiva, cabelos de Medusa, olhar negro de abismo, cacimbas, chocalhos de cascavéis, espinhos de mandacaru. Exatamente assim, agreste, calcinada, lembrando caatingas. A impressão de virago, dessas mulheres intemoratas; cangaiceiras; revolucionárias, santas ou enfermeiras, hereges condenadas à fogueira... Talvez uma escritora, uma poetisa de olhos perdidos além das coisas, procurando inauditos; cozinheira de palavras, mãe de belos poemas, irmã de seculares angústias existenciais. Aquela beleza empenada e excêntrica, o modo de bruxa, coisas que só são possíveis e aceitáveis nas intelectuais.

Frequentou padres, terreiros de umbanda e partidos políticos. Conheceu hospícios e eletrochoques, cirurgões e analistas. Continuou portador de «insônia idiopática resistente ao tratamento».



Disse-me da agonia irremediável dos sobrados do bairro da Floresta, de seus sibilos noturnos em prolongados ataques de dispnéia, espezzinhados e opressos entre espevitados arranha-céus. Dos gatos que surpreendeu às quatro da manhã, quando ia beber um chocolate quente em um botequim qualquer: os movimentos milimetrando o espaço, a fêmea acuada e seu jogo eterno, ativa passividade de fingir-se sem saídas. Instantes banais, ocasionais, incidentes. Ocasionais como automóveis no centro da cidade, na metade da madrugada, riscando o silêncio da avenida como fazem as lanchas nos rios. Ou colibris que invadem dançando algum quintal da infância, provando néctares. Ou como alguém dizendo que nada é por acaso.

Fiquei sabendo (não sou mais capaz de dizer como) que afinal adormecera um dia, com as mãos cruzadas sobre o peito, sem dar aviso, assim de repente. Deixou muitos viúvos e viúvas — não sei se os chamo assim — e não mais acordou por mais que amigos e amadas, médicos e parentes o chamassem. Resolveram afinal plantá-lo no alto de um monte, onde ainda permanece, sem que ninguém saiba dizer se despertará, ou se ao menos sonha.